

**CONTRASTE**

**HELENA RODRIGUES**

**CONTRASTE #1**

**Título Original:** Contraste

**Autora:** Helena Rodrigues

Copyright © Editora Nova Geração & Helena Rodrigues

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Edição:** Tânia Roberto

**Revisão:** Vânia Leite e Ana Domingues

**Paginação:** Tânia Roberto

**Capa:** Rafaela Silva

**1ª Edição:** maio de 2026

**Acabamento/Impressão:** NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**Depósito Legal:**

**ISBN:** 978-989-3625-27-9

editora  
**nova  
ger** 

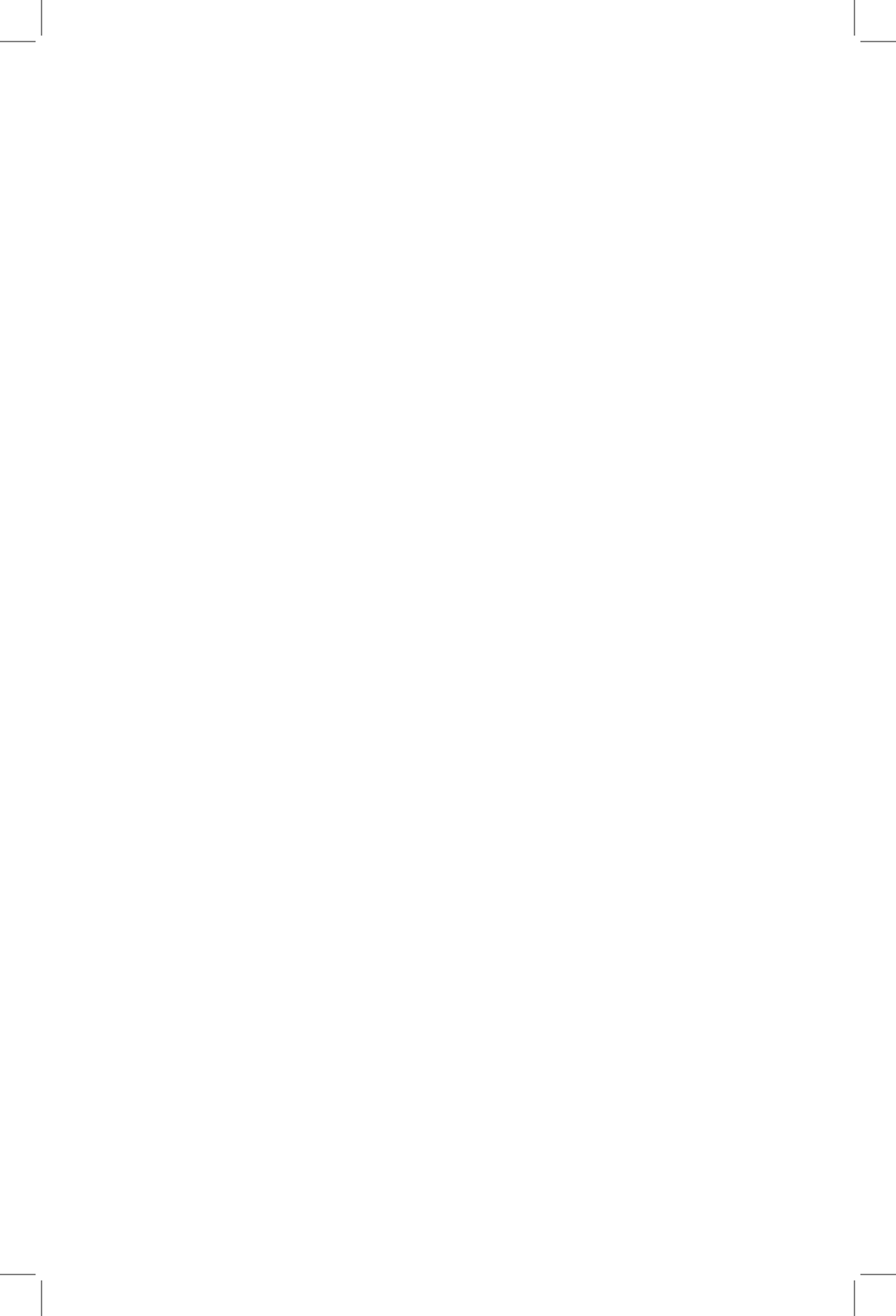


Para ti, que tens medo de que não funcione, de que tudo corra mal e não te consigas levantar. Estamos juntos. Um dia de cada vez. No fim, tudo fará sentido.



## Playlist

Tu — Fernando Daniel  
Fallin' (Adrenaline) — Why Don't We  
Sweet Heroine — YUNGBLUD  
All the Things I Hate About You — Huddy  
dying on the inside — Nessa Barrett  
Grey — Why Don't We  
HOLY FVCK — Demi Lovato  
Love Song — Why Don't We  
Older (feat Sierra Deaton) — 5 Seconds of Summer  
Lucid Dreams (Recorded at Spotify Studios NYC) — Why Don't We  
Therapy — Kyan Palmer  
Out Of My System — Louis Tomlinson  
Can We Pretend That We're Good (Piano Version) — Daniel Seavey  
In Too Deep — Why Don't We  
Lonely — Justin Bieber (with Benny Blanco)  
Achilles Heel — J. Maya  
Acordar — SYRO  
Tell Me — Encore  
Fire On Fire — Sam Smith  
My Mind & Me — Selena Gomez  
hold the applause — Mira Housey



## Nota de Autora

Este é o meu terceiro livro, e tenho um carinho muito grande por ele. Quando o comecei a escrever, era apenas um desafio do *NaNoWriMo*. Não tinha uma ideia muito definida, nem sabia muito bem onde iria parar. Mas, hoje em dia, consigo dizer que estas são das minhas personagens mais especiais.

É também a primeira vez que me aventuro numa duologia. Não era suposto sê-lo quando comecei a escrever, mas, no fim, percebi que não estava pronta para dizer adeus a estes personagens, e queria desenvolvê-los ainda mais.

Espero que mergulhem nesta história, que aborda tantos temas e apresenta personalidades muito distintas. E que o som dos *Treasure Chills* defina o tom daquilo que eu sonhei para este livro.

## Avisos de Gatilho

Violência;  
Agressão física;  
Ataques de pânico.





## 1

**O PÚBLICO** enlouquece quando tocamos o último acorde e nos despedimos. Não voam confetes, mas o solo de guitarra do Kai hipnotiza-os. Saltam todos ao mesmo tempo, gritando as letras, ao rubro, como se este momento fosse eterno. Tudo se mantém na mesma frequência, num estado de alerta e frenesim, quando as luzes se apagam e vamos para os camarins. De vez. Conto até dez e espero que a adrenalina abraque, mas a cabeça continua a latejar.

Olho para os meus colegas de banda, para o espaço, agora coberto com as roupas que despimos assim que acaba o espetáculo. Há um grande contraste entre o palco e estas salas, com nada mais do que espelhos. Não refletem nada do que acabámos de experienciar. O som estridente das guitarras retumba nos meus ouvidos, e sei que assim será até deitar a cabeça na almofada. Não que pretenda fazê-lo nas próximas horas.

A Joy espera-me. Posso viver a adrenalina que só a música me oferece mais uma vez. Ou algo parecido. Porque as sensações físicas ficam sempre pelo quase.

Sento-me num dos sofás após guardar o baixo na devida mala. Fecho os olhos apenas por um momento.

— Malta, preciso de falar convosco.

A voz do Mike incomoda-me. Abro os olhos e não consigo evitar revirá-los quando pousam nele. Está mesmo à nossa frente e franze o sobrolho. Pois, já sei. Não é coisa boa.

— Meu, desembucha! — pede o Kai.

— Eu vou sair da banda!

Rio. É involuntário, mas os outros membros olham-me, confusos, incluindo o próprio Mike. Não tenho como me desculpar, nem pretendo fazê-lo.

— Oh, pá, já estava a prever esta merda. És sempre o mesmo.

— Desculpa?

— Estás desculpado, meu. Mas agora desaparece-nos da frente — digo.

— Ei, River, tem lá calma — apressa-se o Gabriel.

— Qual é a cena, Gabriel? O gajo quer ir embora, deixa-o ir. Sempre foi um merdas.

O Mike agarra-me pelo colarinho e puxa-me do sofá. Os meus pés erguem-se do chão, porém, a expressão mantém-se a mesma. Pura diversão.

— És mesmo cínico, River. Vai-te foder! — Larga-me, agarra o casaco de uma cadeira e encara os nossos colegas. — Desculpem. Tive uma oferta melhor e não pude dizer que não.

Oiço a porta a bater com força. Entretanto, tornei a fechar os olhos. A cabeça pesa-me mais agora do que há uns minutos. É como se uma bola me batesse nas paredes do crânio, sem qualquer segundo de descanso.

Não que isso importe para os meus colegas de banda. Desatam aos berros, ao mesmo tempo que me empurram e puxam pela camiseta que envergo. Faço os possíveis para manter os olhos fechados, porque não quero ter de enfrentar o que quer que esteja a acontecer à minha volta.

— Não decides as coisas por nós, River! — grita o Gabriel.

Abro os olhos e reviro-os novamente. É um vício que não controlo. Que não tento controlar.

— Eu não decidi nada, Gabriel. Ele é que quis ir. E já queria fazê-lo há algum tempo. — Levanto-me.

Os outros atentam em mim, todos com as sobrancelhas levantadas. O Kai faz-me sinal com a mão para que continue a falar, mesmo que eu não queira fazê-lo.

Não me interpretem mal, eu sou um otário. Tenho consciência disso. Mas a minha falta de paciência não ajuda.

— Estás à espera de quê para continuar a falar, River? — resmunga o Kai.

Roubo um olhar rápido ao Johnny que, embora franza o sobrolho, tenta segurar as lágrimas. Sei que ele não aprecia discussões e eu admito, tenho tendência a incitá-las.

Encaro de novo o Kai, pronto para fazer o que faço sempre: dizer a verdade sem dó nem piedade.

— Vocês não ouvem as cenas? Ele já andava a comentar com a namorada que estava farto de nós, que tínhamos a mente pequena para ele.

— Bem, ao menos não foi otário o suficiente para nos dizer isso — comenta o Gabriel.

— Mas foi para pensar. Enfim, nada de novo — bufo, exausto.

Agarro-me às têmeoras. — Agora, alguém tem um comprimido? Estou com uma enxaqueca daquelas.

— Outra vez? Agora tens sempre enxaquecas no fim dos concertos. Está tudo bem?

Lanço um olhar ao Johnny. Ele levanta as sobrancelhas, e eu quero responder-lhe, porém não me consigo obrigar a fazê-lo.

— Se não têm, eu vou indo. Tenho a Joy à minha espera — informo. Com uma das mãos coço a testa, afastando o suor que restou do concerto.

— Espera. O que fazemos em relação ao Mike? — pergunta o Johnny. Reparo na forma como o lábio lhe treme.

— Temos de arranjar outro baterista rapidamente. Vai ser difícil, mas com concerto já no sábado, precisamos de arranjar uma solução.

Perscruto o Kai, pensativo. Passa-me uma ideia pela cabeça, ainda que não me apeteça partilhá-la. Sei que só vou arranjar mais trabalho para mim, mas não vejo outra solução para já.

— Eu safo-me na bateria — digo.

Todos me encaram, de bocas abertas. Sinto-me exposto de um momento para o outro.

— Tu o quê? — O Gabriel afasta os caracóis da cara, desvendando o ar surpreso que o invade.

— Não fiquem tão chocados. Os meus pais eram maníacos.

— Uau! Eu conheço-te há tanto tempo e não fazia ideia. Como é que consegues sempre surpreender-nos, River? — atira o Johnny.

— Nem eu sei — respondo, sem paciência.



Quarenta minutos depois, estou na cama da Joy, e ela brinca com o meu cabelo, agora oleoso e húmido, graças ao concerto.

— O Mike saltou mesmo fora?

— Claro. Eu já te tinha dito que isto ia acontecer.

— Não pensei que ele fosse mesmo capaz. — Trinca a unha. — Então, e agora?

— Agora vou ter de desenrascar a banda.

— Tu tocas bateria?

— O mínimo.

É verdade. Tive no máximo um ano de aulas. Sei o básico. Dá para aguentar até arranjarmos outro baterista mais qualificado. Também

prefiro o baixo. Esse, sim, é o meu instrumento. É onde me sinto confortável, mesmo que não seja aquele que atrai mais atenções. No fundo, acabo por fazê-lo na mesma por ser o vocalista da banda.

— Sabes, o meu irmão toca bateria. — Encolhe os ombros, e eu encaro-a, perplexo. — E ele é mesmo muito bom.

Ergo-me, apoiando os cotovelos no colchão.

— O quê? Tu tens a certeza?

— Sem dúvida. É a grande paixão dele.

Agarro-a pela cintura, puxando-a para cima de mim, e beijo-a. Começa por ser um beijo ofegante e desejoso de evoluir, mas, entretanto, acalma e, quando dou por ela, as nossas línguas cumprimentam-se. Não consigo evitar pensar no próximo concerto e naquilo de que ela me acabou de safar. Não que não pudesse ou conseguisse ficar na bateria, mas certamente atrapalharia a dinâmica que já temos em palco.

Encaro-a. O castanho do cabelo evidencia-lhe os olhos brilhantes.

— Acabaste de nos salvar — digo.

Ela ri.

— Que exagero, River. Mas fico feliz por ajudar.



## 2

— **PESSOAL**, este é o Tyler. O meu irmão.

A Joy exhibe um sorriso que me deixa louco. Ainda nem acredito que ela trouxe a solução que todos queríamos.

— Olá! Bem-vindo! Acho que já deves saber, mas a música que tocamos não é propriamente *mainstream*. Tens a certeza de que te queres meter nisto? — lança o Kai. Sempre o mesmo, com a sua postura de líder.

— Sim, eu sei. — O tal Tyler olha-me de cima a baixo. Detém-se em mim mais tempo do que eu consideraria normal. — Tenho a certeza.

Ele não deixa de olhar para mim. Parece estar a analisar-me ao pormenor, e eu só posso concluir que se deve ao facto de eu estar com a sua irmã. Questiono o porquê de a Joy nunca nos ter apresentado.

— Tocas há muito tempo? — participa o Gabriel.

— Desde que me lembro.

— Ah, e é autodidata — acrescenta a Joy, orgulhosa.

O Tyler coça a nuca e sorri. O ar foge-me por momentos.

— Isso são pormenores.

— Oh, vá lá. Não sejas modesto, Tyler — diz-lhe a irmã.

Ele volta a olhar para mim, e posso jurar que vejo um brilho nos seus olhos azuis. Não sei o que significa, nem por que raio estou eu a reparar na cor das suas íris.

Aproximo-me da Joy e envolvo-lhe a cintura com o braço. Deleito-me com a sensação do seu corpo junto ao meu.

— É para ensaiarmos, então? — pergunto.

— Pois, é que temos um concerto já no sábado — exclama o Johnny, o rubor a aparecer-lhe nas bochechas. O rapaz nem está envergonhado; é corado por natureza, e sei bem o quanto isso o incomoda. Faço por não fixar demasiado, receoso de que ele pense que estamos a reparar.

— Vamos a isso — responde o Tyler.

O seu cabelo descolorado complementa os enormes olhos azuis que possui. Não vejo as parecenças entre ele e a Joy, mas compreendo que nem todos os irmãos são a cara chapada um do outro. Não que eu o saiba por experiência própria: sou filho único.

O brinco na orelha esquerda capta a minha atenção e, por momentos, perco-me nele. Prevejo de imediato o efeito que ele terá no público feminino. Certamente levará legiões de fãs à loucura.

O Gabriel bate-me nas costas, acordando-me da ilusão.

— Ensaíamos agora, River?

— Sim, claro — respondo, mas aquele maldito brinco não me sai da cabeça.

Afasto o braço da cintura da Joy e espeto-lhe um beijo na bochecha. Beijá-la-ia mais se pudesse, para poder afastar estes novos pensamentos. Esta imagem estranha que o seu irmão plantou em mim.

Estará o meu instinto a querer avisar-me de alguma coisa? Será ele mais um Mike?

O meu baixo está apoiado no sofá do auditório onde costumamos ensaiar. Preparo-o e, pelo canto do olho, vejo o Tyler a sentar-se à bateria. Roda as baquetas nas mãos e testa os pratos. Sorri e espera as indicações do Kai.

Controlo os arpejos que irradiam de uma ponta à outra. Agora, tudo o que importa é a música, e eu só desejo que este novo elemento se encaixe na nossa dinâmica.

— Vamos começar pela *Adrenalina*. Tyler, tens aqui a pauta com os tempos. É capaz de ser mais fácil para ti. — Entrega-lhe um papel, e o Tyler semicerra os olhos quando vê o que lá está. Duvido que ele saiba ler uma pauta, mas não serei eu a mencioná-lo.

Sou eu quem dá início à música. Os primeiros acordes soam e, de repente, o meu coração salta um batimento quando a bateria do Tyler irrompe nos meus ouvidos. Espreito por cima do ombro, para ele. Recebo um sorriso fechado. Pisca-me o olho, e eu desvio a cabeça, fixando novamente em frente, no público imaginário.

Chego-me à frente e canto os primeiros versos.

*Alimenta-me com a tua adrenalina  
Leva-me ao meu extremo  
Rega-me com a tua gasolina  
Serei sempre o amado supremo*

Os meus colegas harmonizam cada um no seu microfone. A voz do novato sobressai nos coros. Repete as minhas palavras. Ele parece já conhecer tudo o que é suposto fazer e muito mais.

A Joy observa-nos da plateia. Tem um sorriso largo no rosto e canta ao mesmo tempo que eu. Não sei o que me arrepiava mais, se o entusiasmo da minha namorada, se a voz rouca do seu irmão. *Foi a adição perfeita*, penso.

Lanço-lhe mais um olhar discreto e vejo-o fixado em mim, enquanto canto os versos seguintes. Não sei se estou a imaginar, mas parece-me que ele morde o lábio e franze a testa, ao mesmo tempo que cerra os olhos. O que chega até mim vem carregado de uma sensualidade que eu não sentia por parte do Mike. Quiçá isso faça parte da imagem de marca deste Tyler, mas consegue incomodar-me ao mesmo tempo que me entusiasma.

A música termina, e a guitarra do Johnny encerra o conjunto de notas. Vamos ao encontro uns dos outros, deixando os instrumentos de lado.

— Foi incrível! Já nem me lembro por que é que alguma vez quisemos o Mike de volta — comenta o Johnny, com um grande sorriso no rosto.

— Nós nunca quisemos o Mike de volta — refuto.

— Bem... — O Gabriel coça a nuca. — Chegámos a querer. Foi só nos primeiros minutos. Em nossa defesa, não sabíamos que o Tyler era tão bom.

Ele sorri, e os arrepios retornam.

— Eu tento.

— Tu não tentas, meu. Vais ser a loucura dos fãs! — atira o Kai. Parece que não sou o único a pensá-lo.

— Não imaginam o quão feliz fico — interrompe a Joy, que, entretanto, se junta a nós.

— Porque é que nunca nos tinhas apresentado o teu irmão?

Ela atenta no Johnny.

— Vocês tinham o Mike.

— Bem visto! — conclui o mais novo, e o rubor cresce-lhe de novo nas bochechas.

O Johnny é como família para mim. O único que já conhecia antes de embarcar nesta aventura. Eu já tinha algum reconhecimento, depois de ter participado num concurso televisivo e, mais tarde, ter integrado uma outra banda. Construí a minha base de fãs e sabia que tudo o que fizesse seria bem recebido por ela.

O Johnny aprendeu a tocar guitarra comigo, com o River pré-fama. Éramos vizinhos, e eu comprometi-me a ajudá-lo. O que eu não sabia é que ia acabar por gostar do rapaz. Passávamos todas as tardes de

sábado juntos. Chegou a um ponto em que jantávamos sempre na casa um do outro. Tornámo-nos inseparáveis. Até eu ter ido a um *casting*.

— River? *Hello*? Ele adormeceu?

Desperto com a voz do Gabriel. Olho em volta, e todos me encaram. Sinto o rubor a apoderar-se das minhas bochechas.

— Hum?

— Ainda não deste a tua opinião — nota o Kai.

— Não? Então, *ya*, eu gostei.

— Só isso?

— O que é que queres que eu diga, Gabriel? Vocês são mesmo exigentes às vezes.

Expiro, mostrando o meu descontentamento, e deito-me no sofá em frente ao palco. Recrimino-me pela forma como falei, mas, como sempre, não digo nada.

— Bem, estou a ver que está na hora de fazer uma pausa — afirma o Kai, revirando os olhos.

Todos se afastam e saem pela porta ao fundo do palco. A Joy segue-os, e eu não penso em impedi-la.

Cerro os olhos e aprecio o silêncio, mesmo que nunca haja grande silêncio na minha cabeça. As constantes discussões dos meus pais deixaram isso bem gravado na minha mente. Nunca há calma e eu já me habituei. Com os concertos, as entrevistas, as entregas de prémios, o constante burburinho agravou-se. Daí as dores de cabeça.

Subitamente, um novo peso faz-se sentir ao meu lado, e abro logo os olhos. O Tyler nem olha para mim. Encosta-se às minhas pernas e retira o telemóvel do bolso das calças.

— Desculpa, não me viste aqui?

Ele levanta os olhos do dispositivo e roda a cabeça na minha direção. Aponta para si mesmo e eu anuo.

— Não é óbvio que estou a falar contigo?

— Não necessariamente — responde.

As minhas entranhas contorcem-se com o que oiço. Tenho uma vontade súbita de o empurrar, mas mantenho-me no meu lugar, indagando sobre o que pretende este gajo.

— Acho que precisas de descontraír. Podes ganhar rugas mais cedo e, certamente, não ficariam bem numa carinha como a tua.

Abro a boca de forma involuntária. Ele não reproduz o meu movimento. Em vez disso, morde o lábio inferior e eu ignoro o calor que me assola.

— Não percebo o que é que estás para aí a dizer — afirmo.

— É pena. — Lança-me um sorriso, e eu posso jurar que vejo os seus olhos a brilhar pela segunda vez em tão pouco tempo. Pisco os meus umas quantas vezes, na esperança de que a imagem desapareça. — Queres que saia?

Encaro-o.

— Quero.

— Hum, não parece. Ainda nem te tentaste mover.

Indignado, arrasto as pernas para fora do sofá, empurrando-o pelo caminho. Ergo-me e vou em direção ao baixo que deixei apoiado nas teclas do Gabriel.

— És mesmo bom!

Arregalo os olhos e dou meia-volta. Um calor cresce-me nas mãos.

— O quê?

— No baixo — esclarece. Liberto um suspiro longo. Ele aproxima-se. — Acho que nem eu sou tão bom.

— Pouco convencido, não?

Ele sorri, e eu volto a sentir uma pequena tempestade nos membros.

— Não disse que era o melhor. Disse que era bom, mas tu és melhor. Bem melhor.

Ao mesmo tempo que alcanço o baixo, ele deita a mão à minha e lança-me um sorriso que eu não consigo decifrar. Atento, então, nos olhos azuis que continuam pousados em mim e pergunto-me como é possível alguém ter olhos tão grandes.

A resposta paira na minha mente enquanto os outros retornam ao auditório. Afasto-me do Tyler, livrando-me consequentemente do seu toque. Caminho até à Joy, e espeto-lhe um beijo. Noto-lhe a surpresa nos movimentos, porém obrigo-me a continuar, a descobrir a sua língua com a minha, afastando assim o desconforto.

— Então? Isso é tudo saudades?

— Podes crer que sim. — Delício-me novamente com os seus lábios, a urgência a crescer em mim.

— Ei, se querem fazer essas cenas, arranjem um quarto. Ainda temos muito ensaio pela frente — grita o Kai.

Afasto-me da Joy, mas tudo o que vejo é o Tyler e a perversidade que continua estampada no seu rosto. Faço por eliminar a memória que ele me deixou e toco como nunca toquei: com incerteza.



### 3

**CARREGO** o baixo nos ombros. Não me importo de andar a pé e obrigo-me a fazê-lo todos os dias. Não uso carro. Não quero.

O solo está húmido. Não reparei na chuva, pois o auditório é suficientemente isolado e, desta vez, não fiz a minha pausa no exterior. O Tyler conseguiu ocupar todo o meu tempo livre. Acabámos por ensaiar mais umas duas ou três músicas e demos o ensaio por terminado. Nenhum de nós se sentia com energia suficiente para prosseguir.

Os concertos têm sido exaustivos. Estamos todos muito satisfeitos. Temos sucesso. Fazemos o que gostamos, um trabalho que, no fundo, é um privilégio. Mas, essencialmente, preenchemos outras almas ao mesmo tempo que preenchemos a nossa.

Magico uma nova letra assim que o pensamento me assola. Gosto da ideia de montar um *puzzle* em cadeia. Algo que apenas acrescenta, sem nunca retirar.

Trauteio a melodia e imagino em que acordes pousarei cada dedo. Como irá soar o nosso próximo êxito. A ideia está quase concebida na minha cabeça, e só não é concluída porque acabo com a cara nas costas de alguém.

— River! Oh, meu Deus! *River Anderson*. Eu não acredito! És mesmo tu! — Um fã, presumo. — Eu adoro-te! Sou o teu fã número um! — Confirmo as suspeitas.

Exibo um pequeno sorriso, algo que tenho tendência a fazer. Não sou a mesma pessoa para os fãs que costumo ser para os meus colegas de banda. Aqui, tenho de fingir, tenho de mostrar uma versão feliz e realizada.

— Sim, sou eu. — A garganta aperta-me, e eu engulo para afastar a sensação.

— Achas que podemos tirar uma foto?

— Claro.

O rapaz apressa-se a retirar o telemóvel do bolso e, com os nervos, ainda demora algum tempo a abrir a aplicação da câmara e a encontrar o ângulo que mais lhe agrada. Não fico muito bem na foto, mas ele não parece importar-se.

— Obrigado. Não tens noção do quão importante és. As tuas letras, a tua voz. Eu não seria nada sem ti.

Sinto-me nervoso com a confissão. Porque é isso mesmo. Algo íntimo, algo que não me diz respeito. É muita pressão para colocar em mim, e eu não sei como reagir. Devo agradecer? Ou sorrio apenas? Não tenho como responder. Não quando não sinto nada daquilo que ele expressa.

Uma nova voz surge do topo da rua, e eu estremeço de imediato.

— Ei, River! — Trinco a língua. Foda-se, é o Tyler.

Ele chega até nós. O rapaz à nossa frente não o reconhece, visto que ainda não foi oficialmente apresentado como membro dos *Treasure Chills*. O rapaz olha para ele com as sobrancelhas no meio da testa. Percebo que tenta descortinar como é que nos conhecemos.

— Sempre vamos tomar café? — O Tyler repara no rapaz pela primeira vez. — Desculpem, estou a interromper algo?

— Ah, não, eu estava apenas a tirar umas fotos com o River — diz o rapaz de cabelo em pé.

— Boa! Agora vou ter de to roubar, se não te importares. Já tínhamos combinado isto.

— Claro. Estão à vontade. Obrigado, River. — Abraça-me sem que eu esteja à espera e, num instante, eu estou de saída com o novo membro da banda.

— O que é que foi isto? Nós não marcámos nada — atiro.

— Eu sei, mas parecias precisar de ajuda.

Algo me atinge no peito. Olho por cima do ombro para o rapaz que ainda agora me abraçava e agradecia. Pressiono os lábios e olho de esguelha para o Tyler. Ele é bem mais alto do que eu e já tem os olhos cravados em mim.

— É para ir tomar o tal café, então? — pergunto.

Ele sorri.

— Vamos!

Descemos o resto da rua juntos. O seu odor chega-me ao nariz e eu ignoro-o, com receio de ficar viciado.

Entramos num café estilo americano dos anos cinquenta que eu nunca vi, e sentamo-nos na mesa que o Tyler indica.

— Abriu no mês passado e tenho vindo cá todas as semanas — confessa.

— És um gajo de hábitos, então.

— Oh, nem sabes quanto! — E lá está, o sorriso.

Engulo em seco. A saliva seca de um momento para o outro, e eu anseio por um pouco de água.

— Estás bem, River? — questiona.

— Sim, porquê?

— Não parecias muito confortável há pouco.

Sorriso levemente. Coço a nuca, mas faço os possíveis para não transparecer a minha ansiedade.

— Notaste?

— Foi evidente. Para mim, pelo menos — esclarece.

— Não sei. É estranho ainda.

— Ainda? *River Anderson*, tu és uma estrela mundial há anos!

Forço-me a desviar o olhar do azul que me encara e atento às minhas mãos.

— Não significa que me tenha habituado.

— Não gostas da atenção? — pergunta.

Olho para ele, de olhos arregalados. Pigarreio.

— Não sei ao certo se consigo explicar.

— Podes tentar — incentiva.

— Posso — pauso por uns segundos —, mas será que posso confiar em ti?

— Eu sou um túmulo. — Ri, e eu faço por acompanhá-lo, embora o riso para mim não venha de forma tão natural. — É impressão minha ou isto é algo que não fazes muito?

— O quê? Tomar café com as pessoas?

— Não. Sorrir.

Baixo a cabeça. Sinto a urgência em fugir. Porque é isso mesmo que eu faço quando alguém me presta atenção, e essa é a razão pela qual a fama me faz tanta confusão. Não é que não goste, mas não sei lidar com isso.

— Está tudo bem. Não temos de falar disto. — Oiço-o dizer.

Reclino-me na cadeira, forçando um ar descontraído em mim. Ele observa-me, passando os olhos por todo o meu tronco. Pedimos umas bebidas quando a funcionária se aproxima e, em todo esse tempo, o Tyler não deixa de olhar para mim.

— E vais-me dizer por que é que eu nem sabia da tua existência quando namoro com a tua irmã? — atiro.

O Tyler inspira fundo, perdendo o sorriso. Encolhe os ombros e agarra num dos guardanapos que estão na mesa. Começa a rasgá-lo em pedaços menores, e eu fico a observá-lo. A Joy faz exatamente o mesmo.

— A minha irmã nunca apresentou os namorados à família.

— Ai, não? — Exibo um pequeno sorriso. — Não que eu tenha vontade de a conhecer. — Encolho os ombros, esquecendo o facto de que estou a falar dos pais dele.

Ele perscruta-me.

— Hum, não. Acho que os meus pais iam gostar de outro tipo de apresentação.

Não sei o que ele quer dizer com aquilo, mas também não pretendo descobrir. Não penso na impressão que posso causar nos outros, embora saiba que nem sempre é a melhor. Os nossos fãs adoram a minha abordagem despreocupada a esta vida e ao nosso sucesso, porém, na verdade, eu nunca quis realmente saber. Não gosto do mediatismo que esta profissão traz, mas não passo muito tempo a pensar nas consequências que podem ter em mim. Ou no que os outros pensarão de mim. Tenho tendência a ser adorado pelos amantes de *rock* e odiado por todos os outros.

O Tyler mantém o sorriso lascivo no rosto, e eu quero desvendá-lo. Não encurto a distância entre nós, contudo. Ainda não o conheço suficientemente bem.

— A Joy pode nunca nos ter apresentado, mas eu oiço demasiadas vezes e demasiado bem o que vocês fazem. Já sei de ti há muito tempo.

Passo a mão em frente à boca, parando no queixo, cedendo ao desconforto. Mais uma vez, não sei como responder.

— Desculpa lá — digo.

— Não. Por favor, não peças desculpa.

Perscruto-o. Os olhos não abrem por completo. Uma parte de mim entristece com o facto de não os poder ver. As sobrancelhas grossas e escuras levantam ao mesmo tempo, e os lábios abrem num novo sorriso.

Inspiro fundo enquanto observo como uma das suas mãos irrompe num movimento. Avança discretamente na minha direção. Vejo o quão perto já está da minha própria mão. O meu peito salta de repente, e as nossas dermes tocam-se pela primeira vez.

Por momentos, dou por mim a acercar-me da mesa, completamente hipnotizado pela cena à minha frente, a desejar poder sentir cada pormenor da sua pele. E depois, num impulso, afasto a mão, percebendo que isto não é suposto acontecer. Desvio o olhar para o guardanapo arruinado na mesa.

— O que é que estás a fazer, Tyler? Não tires conclusões sobre mim! — ordeno e levanto-me. Saio sem dizer mais nada, sem sequer pensar na comida que já tínhamos pedido.

Corro de volta a casa, com o baixo às costas e uma dor ardente no centro do peito.



## 4

**O ESTÚDIO** está tão vazio quanto eu o queria. Inspiro o aroma do ar e cerro os olhos ao mesmo tempo. Aqui estou em casa.

Pouso o baixo num dos cantos e ligo todos os equipamentos de gravação e manipulação de som. Encaminho-me para a cabine e coloco os auscultadores.

Tenho vindo a trabalhar em algumas coisas. Não que pretenda tornar-me um artista a solo, mas é bom poder desenvolver a minha criatividade sem quaisquer restrições. Desta maneira, tudo à minha volta se alinha e os pensamentos mais profundos vêm ao de cima. Despem-se de qualquer roupa que os camufle.

A melodia que eu próprio criei soa nos meus ouvidos e, quando dou por ela, a minha voz sai sem controlo. Uma harmonia espalha-se pelo espaço à medida que canto as letras que receio mostrar a outros. Os meus olhos viram rio, e sinto a dor voltar.

Não gosto de pensar em como soa a minha voz. Sei que é agradável, caso contrário não teria o sucesso que tenho, mas não faz sentido para mim tentar categorizá-la, ou até mesmo definir o timbre. Canto apenas, sem matutar sobre como deve soar.

Arrepi-me assim que oiço as palavras que escrevi.

*Bem dentro de mim  
Encontro os demónios que escondi  
Fechei-os na gaveta  
Engoli o que nunca percebi*

*Tenho mágoas que enganam  
Que corroem e derramam  
As lágrimas que nunca vi  
Dos demónios que escondi*

Paro de cantar quando sinto movimento do outro lado da cabine. Pouso os auscultadores, espreitando pelo vidro.

— Desculpa, River, não quis interromper — diz o rapaz pequeno e encolhido.

— Não. Não peças desculpa, Johnny. Eu... já estava a acabar.

Saio da cabine de gravação e esforço-me por esconder o desconforto. Desligo a melodia e sento-me em frente à mesa de som, sem certeza do que fazer a seguir. O Johnny toma a iniciativa e senta-se a meu lado.

— Foste tu que escreveste?

— O quê? — Faço-me de desentendido.

— A canção. Foste tu?

— Talvez. — Coço a nuca, ao mesmo tempo que sinto o ardor instalar-se no meu rosto.

— É incrível! Pelo menos o pouco que eu ouvi. Acho que devias mostrar ao pessoal.

— Não, acho que não — apresso-me a dizer.

— Porque não?

Atento nos olhos ingénuos do Johnny. Estão como sempre foram: esperançosos, mas também inseguros e tímidos. Algo o preocupa. Posso não ter o tato normal para criar relações duradouras, mas há muito tempo que vejo a verdade nos olhos daquele que considero o meu único amigo.

— O que tens? — questiono, ignorando a pergunta que ele me fez.

— O quê? Nada — desvaloriza, e o rubor aparece-lhe de novo nas bochechas.

— Johnny, eu conheço-te há demasiado tempo. Há aí alguma instabilidade — asseguro.

— Não te preocupes. Não é nada de mais. Só mais umas quantas questões que a ansiedade teima em trazer ao de cima.

Vejo-lhe a insegurança no sorriso. Mexe a boca como se tentasse impedi-la de desvendar o que tanto tenta esconder. Mas nada disso me detém.

— Sabes que comigo isso não funciona. E não desvalorizes o que a tua ansiedade faz.

Ele suspira e o ar chega até mim, causando novos arrepios no meu corpo.

— São coisas que não fazem sentido. Por favor, não julgues.

— Achas? Comigo isso nunca vai acontecer, Johnny — prometo, embora a palavra não seja pronunciada. Sei que é uma promessa silenciosa para comigo mesmo e pretendo cumpri-la até ao fim, seja ele quando tiver de ser.

— Tenho medo do que possa acontecer no sábado — confessa, por fim.

— No concerto?

Ele assente, e as sobrancelhas mantêm-se unidas no centro da testa.

— Sinto que estamos finalmente completos. Os ensaios com o Tyler têm sido incríveis. Ele é mesmo bom.

Engulo em seco com a afirmação do Johnny. Relembro o que aconteceu no café, a maneira como a minha mão quis a dele, como gravou a textura da sua pele, ainda que o contacto tenha sido mínimo. *Não, River! Esquece!*

Empurro a situação para os confins da minha mente. Este momento não é sobre mim, nem sobre o que o Tyler desperta em mim.

— E se... tudo correr mal? Sabes, eu nunca gostei muito do Mike. Ele... — Vejo a hesitação latente nos seus movimentos. Ele faz por disfarçá-la, mas já são muitos anos de convivência. — Ele nunca me tratou muito bem. Não à vossa frente, claro.

Um peso cai-me sobre o estômago. Abro a boca instintivamente. O Mike não tratava bem o Johnny?

— O quê? Johnny! Porque é que... nunca disseste nada?

— Tive medo de que vocês não acreditassem. Ou que... — Limpa os olhos, impedindo que qualquer lágrima desça pelas bochechas. — Ou que achessem que estava a exagerar.

Pouso-lhe a mão no ombro e aperto-o ligeiramente. Um movimento breve e contido, mas com um peso enorme. E espero que ele o perceba.

— Ei, maus-tratos, sejam eles físicos ou verbais, nunca são um exagero. Se te sentes atacado, nós não somos ninguém para dizer que não é válido. — Faço uma pausa, porque na minha mente as peças do *puzzle* começam a encaixar. Todas as vezes em que o Johnny quis falar, mas nunca se atreveu. Os olhares de desprezo, que eu interpretava como parte da personalidade do Mike, mas que percebo agora que eram unicamente para ele. Foda-se! — Mas podias realmente ter falado comigo — digo-lhe. Porque quero que ele o saiba.

— Desculpa, River.

— Não peças desculpa. Não tens nada por que pedir desculpa. Está tudo bem.

A expressão do Johnny suaviza. Um rubor ataca-lhe o rosto quando lhe sorrio. Sei que ele ainda não se sente seguro, e odeio-me por não ter percebido mais cedo.

— Não quero que penses no Mike, está bem? — digo. — Eu sei que o resto do pessoal nunca percebeu bem o tipo de pessoa que ele era, mas agora também já não importa. Ele não vai voltar.

— E temos o Tyler — acrescenta, o rosto a iluminar novamente.

Os arrepios regressam. Pigarreio e coço a nuca.

— Exato — disfarço. — Não há sequer hipótese de ele voltar.

— Também não gostavas dele, pois não? — questiona.

Rio mais alto do que pretendo. O Johnny sempre conseguiu perceber bem as minhas emoções. Por vezes, chega a ser assustador, talvez porque nem eu sei interpretar o que sinto. Porque em grande parte das vezes, quando estou prestes a rebentar — seja com um fã, um *paparazzi* ou um repórter — o Johnny coloca-se ao meu lado e afaga-me o braço.

Nunca, em dois anos de banda, tentei esconder que a presença do Mike não me agradava. Nos primeiros meses, ainda saímos juntos. Frequentávamos festas, conhecíamos fãs e bebíamos sem parar. Entretanto, a Joy apareceu na minha vida e eu quis deixar tudo isso de lado. No entanto, ele não compreendeu a minha recusa. Rapidamente percebi o tipo de pessoa que ele era e por que razão estava realmente connosco. Ouvi-lo comentar ao telemóvel que só queria sair da banda foi o maior alívio dos últimos tempos.

— Não — admito e não faço por escondê-lo.

— Por que não?

— Sei lá, Johnny — minto. — O gajo era estranho. — Passo as mãos pelo cabelo, ansioso para mudar de assunto. — Agora, temos um ensaio pela frente. E que tal irmos?

Levanto-me, tentando enganar o meu amigo, fazendo com que se esqueça do tema desconfortável. Não quero pensar mais no Mike.

— Vais mostrar a tua música aos outros? — insiste, com um sorriso malicioso.

— Hoje, não.

— Oh, por que não?

Levanto as sobrancelhas.

— Estás a fazer muitas perguntas. Anda.

Agarro o baixo, o telemóvel, desligo o equipamento e empurro o Johnny para fora do estúdio. Durante todo este processo, ele faz um monólogo sobre o quão bom sou e que, sem mim, os *Treasure Chills* não seriam nada. O coração aperta-me no peito. Mordo a língua inúmeras vezes, porque não quero dizer-lhe que, na verdade, eu é que não sou nada sem os *Treasure Chills*.



## 5

**CHEGOU** o dia. Os nervos sentem-se no ar e ninguém precisa de os verbalizar para que a consciência exista. Queremos partilhar, mas nunca o chegamos a fazer. Essa é também a razão pela qual prefiro estar assim, de costas para os outros, com a parede enrugada em frente aos olhos, ao mesmo tempo que aquecemos as vozes em conjunto.

Percebo que a minha voz se destaca e odeio isso nela. Em mim. Não é a única coisa que odeio, contudo. Em tempos, desejei soar mais como um homem. Não consigo passar o estágio de adolescente, por muito que queira. A doçura do meu timbre não me abandona. Corrói todas as minhas vontades de me tornar numa estrela de *rock* a sério, como aquelas dos anos setenta e oitenta. É uma luta diária para não me ouvir. Tudo isso torna a experiência de tocar num palco para uma multidão muito mais desafiante. Porque como posso eu amar tanto o que faço e odiar tanto o que todos os outros parecem amar em mim?

Quando enverguei por este caminho, jurei a mim mesmo que tentaria ouvir-me o mínimo possível. Agradeço a uma força qualquer, que não compreendo, por conseguir desligar-me tão facilmente assim que piso o palco. Nada disso me vem à mente quando estou a tocar para milhares de pessoas.

Oiço o Kai a pigarrear, mas sei que não é para mim. Tanto ele como os outros dois sabem que gosto de ser deixado sozinho nestes momentos. Apenas eu e a parede. Eu e o anonimato momentâneo. Desta vez, no entanto, há uma figura que se aproxima. Reparo na sombra que se estende na parede à minha frente. O Tyler surge do meu lado direito.

Levanto uma sobrançelha, à espera de que ele perceba a dica. Os outros continuam os exercícios de aquecimento, ao passo que eu e o Tyler permanecemos parados, numa troca de olhares intensa. Penso em pedir-lhe educadamente que se afaste.

— Isto é porquê? É o teu método? — questiona, e mais uma vez deita

um olhar a todo o meu corpo. Começo a estranhar a mania, mas não perco muito tempo a pensar nisso, sobretudo porque não quero evocar de novo os arrepios que me têm acompanhado desde que ele se juntou à banda.

— Talvez.

— É interessante! — Ergue um dos cantos da boca, e eu obrigo-me a não olhar.

— O que é que... — A voz falha-me a meio e acabo a engolir a saliva com toda a força.

A este ponto, o meu corpo já rodou e estou de lado para os meus colegas. Pelo canto do olho, vejo o Kai a espreitar. Cerro os punhos junto aos flancos.

— O que é que é interessante? — recapitulo.

O Tyler não responde, limita-se a sorrir — um sorriso que já me começa a irritar. Sempre pronto a mostrá-lo a todos.

As minhas extremidades suam. Sinto as pernas a falhar e recordo os exercícios que ainda preciso de fazer. Aprendo que divergir a atenção do que se passa à minha volta ajuda.

— Uau! Não sei o que é que fizeste, Tyler, mas nunca vi o River tão nervoso — comenta o Kai, que nunca chegou a afastar o olhar de nós.

Num impulso, rodo a cabeça na direção do meu colega de banda.

— E que tal meteres-te na tua vida, Kai? — atiro, a ira a ferver dentro de mim.

O rapaz loiro ao meu lado continua a sorrir, como se não tivesse quaisquer preocupações. Como se a vida fosse a coisa mais simples de sempre. Como se aquele sorriso me fosse atingir. Como se ele soubesse cada pensamento que me atravessa.

Retorno à parede, ignorando-os. Preciso de preparar a minha voz para o concerto. A última coisa que quero é que os fãs reparem nas minhas fraquezas.



As luzes baixam. Os gritos irrompem na arena. Estou habituado, mas nunca preparado, e os gritos parecem cada vez mais ferozes. É como uma explosão de vozes, de euforia. São leões em busca das suas presas.

O primeiro a entrar é o Gabriel. Ele caminha até às teclas, porém ninguém o vê devido à ausência de luz. Alguém na multidão grita:

«Ele está ali. Eu estou a vê-lo», seguido de alguns gritos. Olho primeiro para o meu lado esquerdo. O Johnny segura a guitarra e exhibe o maior sorriso que já vi nele. À direita, o Tyler não sorri como é costume. Em vez disso, massaja as mãos uma na outra, procurando relaxar os nós dos dedos. Solto um riso abafado. É curioso ver que nem sempre exhibe a confiança a que me tem habituado.

Os primeiros acordes do Kai soam. Reparo que é a minha vez de entrar. Corro na direção do palco e salto no preciso momento em que toco a nota pretendida. Atinjo o chão e as luzes abrem. O público vibra. Eu vibro. E isto é o que me mantém vivo.

Por uns segundos, só se ouvem guitarras. Ninguém entende muito bem o que se está a passar, embora todos eles tenham lido sobre a saída do Mike nas redes sociais. O otário fez questão de publicar uma foto com a nova banda. De nós, não quis mesmo mais nada.

O Johnny grita algo que não percebo, e é então que o Tyler entra. O público, de todas as idades e tamanhos, grita ainda mais. O espaço transforma-se numa desordem de hormonas e adrenalina. Avisto os braços no ar e as milhares de vozes a cantar em uníssono com a minha. As letras escritas pelo Gabriel saem das nossas bocas como se vociferássemos para o mundo ouvir.

Pelo canto do olho, vejo o Johnny e o seu grande sorriso. Cruzamos olhares e é íntimo. Como uma realização, um momento estagnado no tempo e, de repente, já não fazemos parte daquele pequeno bairro onde crescemos.

Desvio a atenção para o público novamente e, por breves segundos, não sei como posso chegar a duvidar do que tenho perante mim. A sensação intensifica-se quando, num solo de guitarra do Kai, dou por mim a procurar o Tyler. Avanço até ele sem qualquer controlo sobre os meus pés. Encaro-o com os pratos entre os nossos rostos.

Ele toca com paixão e, de olhos fechados, investe nos componentes da sua bateria como se não houvesse ninguém à sua volta. Mas há. Eu olho-o há mais de trinta segundos. Junto-me novamente com o baixo, e ele abre finalmente os olhos. Encontramo-nos e é como se tudo fizesse sentido. Se há pouco julguei haver intimidade entre mim e o Johnny, a verdade é que esta troca de olhares mostra-me que há coisas que serão sempre mais intensas. De intimidade sei muito pouco, e é essa a realização a que o River do palco chega.

Mantemos as nossas íris conectadas, entrelaçadas, à espera do que

o outro pode vir a fazer. E, de repente, lá está o sorriso. Desta vez, não controlo e sorrio de volta.

Com o Tyler, sinto-me à vontade e, quando retorno a atenção para a multidão perante nós, sei que está tudo certo. Entendo tudo o que o Johnny me disse. Ele tem razão. Estamos completos.

Procuro-o por entre os cabos dos instrumentos e os outros membros suados, que saltam e gritam com as nossas letras, e encontro-o costas com costas com o Gabriel. Nunca o vi de sorriso tão rasgado como neste momento. Observo-o enquanto dedilha a guitarra eléctrica, e um orgulho repentino inunda-me, ciente de que fui eu quem o ensinou a tocar assim.

Em conjunto, berramos o refrão, e os nossos fãs imitam-nos as palavras, chorando pelo meio.

Esta é capaz de ser a coisa mais perfeita em todo o mundo, e estou feliz por ter tal privilégio.